II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Eixo temático: Desenvolvimento Subjetivo

A IDENTIDADE NA REALIDADE AMAZÔNICA: ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIOCULTURAIS E PROCESSOS SUBJETIVOS

Prof. Me. Saulo Vieira Cavalcante da Silva, UECE
saulocmm@hotmail.com

Prof. Me. Edjôfre Coelho de Oliveira, UECE
edjofrecoelho@hotmail.com

Profa. Dra. Ana Ignez Belém Lima Nunes, UECE
anaignezbelem@gmail.com

Resumo:

Este trabalho consiste em um ensaio teórico para entender os contextos que envolvem o desenvolvimento do sujeito amazônico em seu simbolismo e história, sua singularidade relacionada a dimensões mais amplas, enfatizando aspectos socioculturais, econômicos e políticos da região, aproximando-nos das facetas que envolvem as subjetividades dos sujeitos amazônicos. Trata-se de um recorte da pesquisa desenvolvida pelo autor, no âmbito da dissertação de Mestrado Acadêmico em Educação. Trabalhamos com o referencial teórico da psicologia social crítica em seu viés histórico cultural, o que não impede a apropriação de outros saberes e campos na construção do diálogo. Através deste estudo, foi possível perceber a complexidade das diversas esferas que se constituem no sujeito amazônico, especificamente da periferia manauara e suas possibilidades frente a realidade. Ao adentrar no contexto, percebemos possibilidades de transformação por meio das potencialidades advindas da educação e da promoção de visibilidade ao conhecimento nativo e as suas lutas sociais.

Palavras Chave: Identidade sociocultural; Subjetividade; Realidade amazônica.

Introdução

Diante da televisão, o contador de “causos” cala sua voz. O artesão fabricante de barcos vende CDs piratas na esquina. O pajé vende picolé na porta da farmácia. A “cidade velha” é empurrada para a periferia, faveliza-se. Quando muito, é conservada como curiosidade turística para servir à cidade nova, moderna, extensão da civilização global do consumo. O que cresce, na cidade amazônica, é o que a assemelha às outras: shopping, supermercado, asfalto. Trava-se, na Amazônia, a batalha decisiva da identidade (BRASIL/MMA, 2005, p. 124).

Ribeirinhos, caboclos, indígenas, mestiços e tantos outros grupos existentes na região amazônica, lidam cotidianamente com as violentas transformações empregadas pelos modelos

**BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB**

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

econômicos advindos do grupo hegemônico há séculos, inclusive na aquisição dessas conceituações e na forma de classificá-las, influenciando diretamente na construção de suas identidades individuais e coletivas. Entretanto, não acreditamos que tais grupos sejam totalmente passivos frente à influência dominante, pelo contrário, sofrem as consequências de um embate entre suas disposições pessoais e a trama das ações globalizantes. Isto faz parte de seus processos de desenvolvimento e mudança cuja dinâmica de ordem-desordem-interações/reencontros-organização (MORIN, 2003) possibilita edificações em elementos constituintes do sujeito.

Realizaremos de maneira breve, reflexões que esboçam o contexto sociocultural, econômico e político da região, mostrando como a história perpassa e envolve as subjetividades dos/das homens/mulheres amazônicos/as. Ewald e Soares (2007) nos dizem que a formação da identidade é estreitamente ligada ao compartilhamento de valores e crenças da sua comunidade, relacionado ao seu tempo, sexo, condição social, além das influências de deslocamentos territoriais e culturais, ampliados com o surgimento da modernidade e hipermodernidade¹.

Neste trabalho, arriscamos dizer, enquanto reflexões em elaboração, que as identidades construídas a partir dos ideais modernos fizeram do homem/mulher um ser de interesses individualistas, ao mesmo tempo que se homogeneízam em padrões estabelecidos pelo capital. A ideia de coletividade dos povos tribais esvazia-se na concepção de homem e de mundo dos povos capitalistas. Genocídios físicos e intelectuais marcam a busca de desenvolvimento da Amazônia desde a invasão estrangeira, até a atual falta de indignação diante dos problemas que a região carrega. Identidades se encontram descentradas. O caboclo não se reconhece diante do espelho (MEDEIROS, 2004). Territórios físicos e simbólicos são conquistados, invadidos e retomados em algumas semanas. As classes populares aparecem como fáceis alvos frente ao planeta em desordem, subordinadas e subjugadas. O desenvolvimento está se constituindo a partir de formas desumanizantes de identidade, flutuantes, líquidas, estigmatizadas, inferiorizadas e perdidas. Mesmo com a premissa transformadora de ser, os elementos subjetivos que dão base às trajetórias evolutivas aparentam estagnação alienante.

¹ Nos inspiramos no pensamento de Ewald e Soares (2007), para enxergarmos a hipermodernidade como sendo o momento de paradoxo entre identidades voltadas para si e identidades descentradas, ambas em estados *flutuantes de mesmice*, resultados da busca do bem-estar material.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Dentro deste turbilhão de concepções e transformações, existem sujeitos historicamente marcados pela exclusão, abandono e diversos tipos de violência, vivendo em moradias improvisadas em meio a miséria. Os sujeitos da periferia de Manaus fazem parte dessas identidades marcadas pelo resultado da ideologia de “consciência individual do capitalismo” e estão a mercê dos perigos e preconceitos estabelecidos. Ao mesmo tempo que carregam esperança no modelo de desenvolvimento econômico que a região adotou, caracterizando-os por uma história de contradições e indefinições diante as questões de relações de poder e fragilidade do homem, sua cultura, história, simbolismos, relações de gênero, raça, etnia, instituições culturais e projeto político.

Sendo assim, o desenvolvimento da subjetividade como elemento constituinte dos sujeitos amazônicos, pode ser visto como um processo holístico, resultante da integração dinâmica e contraditória dos sentidos produzidos nas várias esferas da vida em um espaço de confronto entre a subjetividade individual e a subjetividade social (GONZÁLEZ REY, 2005).

Queremos debater sobre esses diversos aspectos que contemplam o sujeito, com ênfase na realidade do povo manauara, questionando quais seriam as possibilidades projetivas de aprendizagem e atitudes necessárias para transformação individual e social.

A subjetividade como fundamento da identidade na história sociocultural dos sujeitos amazônicos

A teia da subjetividade como fundamento da identidade encontra-se envolvida com as questões da modernidade. Ewald e Soares (2007) nos dizem que a subjetividade viabiliza a formação da identidade, pois é o que lhe traz constituição. “Retoma-se, necessariamente, o sentido da palavra grega traduzida para o latim como *subectum*, a noção do que é fundamental e permanece subjacente” (*idem, ibidem*, p. 24).

De acordo com Maheirie (2002), a subjetividade como sendo a forma de pensar a relação das coisas e um instrumento de objetivação do que pensamos, relacionadas às informações do mundo e aos processos simbólico-emocionais construídos individualmente, é compreendida como uma das dimensões do sujeito. Entretanto, esses processos individuais não devem ser vistos como células únicas, separadas do social como defende perspectivas positivistas, mas em uma ação reflexiva na construção conscientizada do sujeito. A subjetividade é simultaneamente

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

social e individual, uma visão que permite enxergar as contradições e relações dialéticas na complexidade do sujeito e do mundo (MARTINEZ, 2005).

Maheirie (2002) se utiliza do pensamento de Sartre e sua ontologia para conceituar a subjetividade como sinônimo de consciência em sentido amplo, *consciência de alguma coisa*, compreendendo-a como uma *relação para-si* no sentido de estabelecer significados para si mesmo e não *em-si*, ou seja, o objeto que é em si mesmo sua existência, pois não é relação. “Consciência, *para-si* e subjetividade são conceitos que se referem à mesma coisa: a dimensão do sujeito que é capaz de negar a objetividade (em si) como uma dimensão absoluta. Neste sentido, consciência é sinônimo de *para-si*, que é sinônimo de subjetividade” (MAHEIRIE, 2002, p. 33). Segundo a autora, a consciência busca ser *em si* para se tornar completo, isto é, cria um projeto no desejo de ser e, este desejo é que movimenta o/a homem/mulher no mundo, mas esta busca se transforma numa constante inalcançável e o *desejo de ser* se transforma naturalmente *em direção a...*, isto pode fazer da consciência um refém do objeto no sentido de que o sujeito perde a noção de si, como se consciência e objeto pudessem estar se fundindo, isto ocorre como que espontâneo nesta ação.

A atividade do homem vista de maneira espontânea, não conscientizada, pode levá-lo tanto para uma *libertação impulsiva* como também uma *dominação absoluta* de suas possibilidades contra a alienação, como um ser neutralizado por uma força aparentemente inexistente.

Acreditamos que os sujeitos amazônicos vivem neste dilema desde o genocídio indígena provocado pelos europeus até o aparecimento da Zona Franca de Manaus o qual as forças de exploração mundial dominam pela sedução ou pressão os/as homens/mulheres amazônicos/as:

[...] a história do homem na Amazônia é marcada por silêncios e ausências que acentuam a sua relativa invisibilidade e velam os traços configurativos da sua identidade. Desse modo, adentrar o universo identitário dos povos amazônicos implica considerar um mundo de ambiguidades, trata-se de percorrer caminhos que se cruzam e se contrapõem, mascaram diferenciações sociais que tem entravado processos de emancipação social e política (FRAXE et al, 2009, p. 30).

Como parte indissociável da discussão acerca dos sujeitos amazônicos, está a belíssima natureza e a existência de recursos naturais incontáveis que fazem o território do Estado do Amazonas ser um objeto de desejo e causador de diversos conflitos entre diferentes povos ao

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

longo da história e ainda, de divergências políticas internas acerca de ações relacionadas a sua ocupação e exploração.

A Amazônia teve três grandes ciclos econômicos: o mercantilismo e comércio colonial, o mercantilismo de exportação e comércio de matérias primas e o mercantilismo industrial financeiro implantado com a Zona Franca de Manaus. Para nós, estes ciclos colaboraram na fragmentação de tradições e estabeleceu (re)construções ideológicas na tentativa de enquadrar os nativos ao dinamismo comercial, definindo inclusive, por meio de pacto colonial, os papéis da colônia e da metrópole, forçando uma nova identidade do nativo a partir do ideal mercantilista.

Todos estes processos de dominação, explosão demográfica e modificação na estrutura econômica, afetaram culturalmente os povos amazônicos, pois o conceito de desenvolvimento arquitetado não considerava a forma de vida nativa, sua socio diversidade e biodiversidade. Ao contrário, os conflitos e a dizimação ao longo da história, eram estratégias constantes àqueles que não se curvavam a submissão (PITANGA, 2006).

Além das formas de escravidão conquistadas pela força da guerra, as populações da região também passaram por catequéticas manipulações. Principalmente as crianças indígenas, retiradas de suas aldeias de origem para aldeias missionárias.

Durante o século XVIII, com o intuito de solidificar a máquina estatal, além de persuadir os moradores das colônias às condições de vida a qual eram submetidos, inicia-se um embrionário ensino público no Amazonas. E, mesmo com algumas mudanças na educação, entre eles o ensino de ofícios no século XIX, os indígenas ainda viviam intensas formas de exploração. Estavam ali apenas por conta da nova organização de trabalho que se queria desenvolver a partir da abertura dos portos em Manaus.

Outro momento histórico marcante sobre a relação dos povos brancos e os indígenas na Amazônia foi o que Marcio Souza denominou de “a institucionalização do genocídio”. O autor revela os projetos de desenvolvimento baseados pelo “Regime da Segurança Nacional” em parceria com grandes capitalistas que ocasionaram em danos irreparáveis aos povos indígenas, levando alguns a extinção, para obtenção do controle da região.

[...] evidência generalizada de corrupção, sadismo, que ia desde o massacre de tribos inteiras por dinamite, metralhadora e pacotes de açúcar com arsênico, ao rapto de uma

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

menina de 11 anos para servir de escrava sexual de um sertanista. [...] usaram armas convencionais para exterminar muitas aldeias, mas também praticaram guerra bacteriológica ao introduzirem entre as tribos da selva amazônica o sarampo, a gripe, a varíola e a tuberculose. [...] recrutavam um mestiço doente e o enviavam para o meio das aldeias (p. 342).

Este relacionamento histórico com a Amazônia e seu povo, vêm provocando uma inviabilidade de um adequado desenvolvimento e melhoria de vida, além de um epistemicídio local e deturpação cultural, fazendo com que a população se considere como parte dos colonizadores e não como parte sobrevivente dos nativos escravizados.

Para Medeiros (2004), utilizando-se do pensamento de Parker (1985), os caboclos foram os primeiros culturalmente destituídos, sobreviventes da opressão europeia. Foi a partir deles que se iniciou um novo padrão e contexto de existência na Amazônia².

Sendo assim, a vida cabocla e a construção de sua subjetividade estão amplamente marcadas por uma dupla e antagônica memória cultural, a primeira, enquanto memória de luta, destruição de seu povo e relações desiguais construídas pelos colonizadores. A outra, como sendo o próprio colonizador, carregando todo o preconceito e estereótipo do dominador.

Parte da população rural da Amazônia, segundo Lima (1999), não se reconhece caboclo, pois o termo é assimilado pela população a partir de ideias estereotipadas pela elite ocidental em meados do século XIX para identificar a condição social inferior dessas populações. Silva (1996) *apud* Medeiros (2004) revela que: “[...] o que caracteriza o caboclo não é o caráter genético-biológico, o tipo físico, mas sim, a cultura-cabocla, produto de amalgamação das diferentes contribuições fundadoras” (p 62).

O que ocorre, é uma ampla rejeição do/da homem/mulher amazônico/a em aceitar-se caboclo e/ou ter raízes indígenas, principalmente os advindos de comunidades urbanizadas como Manaus, devido a figura inferior à que transformaram o *ser caboclo* e a imagem de canibal e selvagem dos indígenas.

² “No contexto da história da região, caboclos são os indígenas, habitantes rurais da Amazônia que, em sua maioria, vivem em pequenas comunidades nos arredores dos rios, usando tecnologia ameríndia em atividades de subsistência. [...] indígena é aqui empregado porque os caboclos estão historicamente, culturalmente e biologicamente ligados diretamente a população ameríndia que ocupou a planície amazônica na época do contato europeu; com efeito, os “primeiros caboclos” foram predominantemente os culturalmente sobreviventes das populações ameríndias que foram destruídas pelos portugueses” (PARKER, 1985, *apud* MEDEIROS, 2004, p. 48).

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Maheirie (2002) entende que o sujeito se define por um projeto que caracteriza o subjetivo e o objetivo, “o projeto é este movimento do sujeito [...] em direção ao novo, ao inexistente, em um processo de superação que implica recusa e realização” (p. 35). Segundo Ciampa (2005) “a verdade está no significado que atribui a sua condição” (p. 29). Isto nos sugere que *Ser caboclo* é uma concepção constituída subjetivamente. Acreditamos ser um entrelace com memórias biológicas e culturais³ que implicam no “sentir-se”, objetivando assim o movimento descrito.

O ser caboclo implica em ser objetivamente sentido porque é subjetivamente constituído. O homem urbano ou urbanizado, qualquer que seja a classe social em que se insira, mesmo quando possui caracteres somáticos similares aos do caboclo, não se sente caboclo, tem consciência de que é detentor de outras expressões de cultura, ainda que nestas possam estar – e na Amazônia estão – traços de origem indígena-cabocla (SILVA, 1996, p. 229).

O contexto de formação dos sujeitos amazônicos perpassa por uma constituição identitária macro e micro desde a relação desta formação com seu processo histórico, sua concepção simbólica *de ser* e as facetas globalizantes advindas da modernidade, até a própria ansiedade do sujeito de conquistar a segurança necessária para sobrevivência nesta sociedade, mesmo que para isto ele negue sua própria origem ou a abandone na esperança de um “mundo melhor”, numa confiança ontológica para ancorar suas sensações cognitivas e emocionais.

Assim o fizera Severino na tentativa de *encontrar a vida* e não *re-por* o caminho vivido por tantos outros Severinos. Assim também fizera Severina deixando a condição hora de *escrava-revoltada* outrora de *vingadora* para, a partir de novas maneiras de se ver e ver a vida, trabalhar em um projeto de edificação. Nos dois casos (a estória e a história) apresentados por Ciampa (2005) temos como personagens seres migrantes da realidade nordestina, contudo esta

³ Morin (2008) procura respostas acerca dos elementos que estreitam as categorias identidade, cultura e formação do ser, acreditando em uma dependência um do outro. Utiliza a aproximação dos conhecimentos biológicos e sociológicos sobre os indivíduos e suas formas de lidar com o mundo para pensar no homem de maneira complexa. Constrói um pensamento que tenta abraçar várias dimensões, articulando-as para um emaranhado subjetivo de dialogicidade e chama a atenção ao processo cognitivo do ser como o veículo de produção, organização e divulgação - por meio da linguagem - dos conhecimentos adquiridos, conseqüentemente migrando e imigrando culturas. Revela que a utilização da linguagem, nossas percepções sobre o mundo através dos sentidos e a lógica de interpretá-los fazem parte de uma conjunção entre arcabouços inatos e culturais, portanto, segundo ele, o ser humano deve ser entendido por meio de um olhar bio-antropo-cultural.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

prática é também nortista e porque não dizer brasileira e, porque não dizer ocidental, haja vista que este processo é uma atividade típica do mundo capitalista.

Segundo Mourão (2006), o violento processo de industrialização no Amazonas, iniciado em 1967, atacou diretamente a população interiorana que, na esperança de melhoria, deixa seus conhecimentos da terra em prol da sobrevivência familiar. Aqueles que tentaram ficar em seu *habitat* foram absorvidos pela força capitalista, ocasionando um aumento da miséria e sérios transtornos sociais. Isto para nós, é visto como uma transposição de uma identidade ribeirinha e cabocla em *construção metamórfica natural* arquitetada pela edificação coletiva, para uma construção de identidade em *flutuação de mesmice ou identidade flutuante/perdida* ⁴ diante dos caminhos urbanos detentores da construção de uma marginalização dos seres, agora minoritários através do que Santos (2010) denomina de “localismo globalizado” ⁵.

Mourão (2006) acrescenta que neste processo floresce as desigualdades como resultadas das relações de poder estabelecidas com a dominação, influenciando significativamente a forma que os sujeitos amazônicos veem e sentem o mundo. O ribeirinho deixa sua sustentação rural para adequar-se a estrutura do capital, modificando elementos de sua subjetividade, consequentemente afetando sua identidade.

⁴ Ewald e Soares (2007) tratam de tais reflexões ao discutirem que as raízes identitárias não estão mais suficientemente profundas em suas crenças, valores, comportamentos e processo histórico, mas mergulhados em uma multiplicidade de culturas devido a constituição de fronteiras permeáveis, portanto, acreditamos que a contestação dos territórios políticos e culturais teriam desencadeado a liberação das marcas fronteiriças acentuando a existência de uma flutuação identitária. Isto seria um movimento significativo e necessário para o reconhecimento da diversidade cultural se, estas transformações não tivessem sendo controladas por processos de homogeneização, provocando desigualdades e misérias ao invés de diferenças, arquitetada por jogos de interesse político. Desta forma, as identidades flutuantes são o resultado de um desenraizamento das origens na procura de um ser autônomo e polivalente criado para atender as expectativas do mundo econômico e não uma edificação metamórfica natural da identidade.

⁵ Para Santos (2010) o localismo globalizado “[...] é o processo pelo qual determinado fenômeno, entidade, condição ou conceito local é globalizado com sucesso [...]. Neste processo de produção de globalização o que se globaliza é o vencedor de uma luta pela apropriação ou valorização de recursos, pelo reconhecimento hegemônico de uma dada diferença cultural, racial, sexual, étnica, religiosa, ou regional, ou pela imposição de uma determinada (des)ordem internacional. Esta vitória traduz-se na capacidade de ditar os termos da integração, da competição/negociação e da inclusão/exclusão”.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Com o crescimento da *Manaus Industrial* surgem muitas invasões⁶ e bairros periféricos mal estruturados, sem condições de serviços de saúde, educação, saneamento básico e segurança para acomodar a população, em sua grande maioria o povo interiorano.

Souza (2009) nos mostra através da história que a região é constantemente desafiada pelos “projetos da modernidade”, experimentando nos últimos 500 anos, os métodos mais sofisticados de exploração, mais recentemente advindos da globalização.

A formação dos sujeitos amazônicos precisa pensar nos perigos que lhe cerca, devido ao crescimento do pensamento puramente econômico, como as tentativas de anulação do tombamento do encontro das águas em favor de portos com a desculpa do desenvolvimento financeiro; a urbanização de igarapés com esgotos de empresas multinacionais sendo escoados enquanto a população é arrastada para as periferias da cidade, convivendo com as péssimas elaborações de políticas públicas e a falta de assistência; as condições de educação e transporte inadequados nestas localidades; os riscos enfrentados nas voçorocas; o contraste da periferia com as fortunas do polo industrial; o alto índice de famílias em situação de pobreza; a existência de “eternos” governantes na região e, tantos outros problemas sociais, econômicos e políticos que cercam o Amazonas. É nesta realidade que os “novos sujeitos amazônicos” se constituem.

Difícil dizer quais serão as culturas amazônicas futuras e como serão as comunidades de destino a elas reservadas diante da formação dos sujeitos nestas identidades constituídas no mundo das globalizações, por entre flutuações de mesmice e a busca de novos horizontes, entre a história de uma região excluída e ao mesmo tempo cobiçada, entre a mudança migratória brusca para os centros urbanos e a tentativa de (re)significar saberes tradicionais numa Amazônia sem lugar, sem saberes da floresta.

Recusamo-nos a concluir...

Nossas concepções de homem e de mundo, a luta que travamos cotidianamente e as expectativas que carregamos, se ancoram na possibilidade de transformação por meio das potencialidades advindas da educação. No entanto, não poderíamos chegar a tal indignação sem

⁶ Ocupações espontâneas de populações oriundas de baixo poder aquisitivo, geralmente vindas de outros estados e municípios do interior do estado.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

que houvéssomos tido a oportunidade de conhecer um pouco dos aspectos históricos e socioculturais que influenciaram significativamente as representações e a objetivação dessas representações diante a população. Para Cavalcante e Weigel (2007) os interesses que cercam a região exercem grandes influências na educação que é gerada, mediada e/ou reproduzida para as novas gerações:

É neste contexto de interesses de ocupação e investidas internacionais sobre a região que se deve compreender a situação educacional de suas populações, analisando, quantitativa e qualitativamente, os resultados e os diversos fatores e condições que estão produzindo esta situação, de modo a poder melhor direcionar as ações relativas à educação (p. 2).

Se durante séculos a identidade na realidade amazônica esteve ao lado de percepções equivocadas e mal-intencionadas, foi porque houve um aspecto que se manteve comum entre os grupos sociais da Amazônia, a sua relativa invisibilidade social e política. Acreditamos que ações educacionais diretamente ligadas ao empoderamento da cultura amazônica, mais especificamente na atividade de refazer e reinventar sua própria história, poderá iniciar movimentações dialógicas. Desta forma, iremos legitimar a ideia de identidade como aquela caracterizada por sua dinâmica mutante na constituição do sujeito pela qual, experiências contraditórias geram superações e transformações da realidade (MANSANO, 2009; BOCK, 2005).

Ao invés de apresentar e pensar a história como colonizadores, vamos utilizar as lembranças contadas aos burburinhos, de um passado que as atuais gerações não viveram, mas ouviram de seus antecessores, com grandes histórias que identificam os *seres amazônicos* como participantes, guerreiros, vencedores e derrotados, destas fatalidades modernas. As histórias remanescentes transcendem os/as homens/mulheres da floresta para uma subjetividade nostálgica na expectativa de que a fantasia criada pela indústria cultural seja substituída por um futuro de relações intersubjetivas saudáveis e multiculturais críticas.

Isto é possível devido o processo de *vir a ser* existente no sujeito, ou seja, a concepção que defendemos de sujeito não faz parte daquilo que é pronto e assim permanece, mas na condição de sua possibilidade de mudança. Não significa que este é um movimento natural e que todos os indivíduos vão tranquilamente conquistar superações, mas é nesta tentativa de

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

promover e oportunizar a construção de possibilidades futuras que surge a necessidade da pesquisa, da busca do conhecimento e sua utilização na transformação social.

Desta forma, trazemos para discussão o seguinte questionamento: Que proposições podemos levantar dentro de nossos programas formativos (em todos os níveis) que considerem os processos subjetivos, as relações dialógicas e a ação comunicativa, na busca de cessar a reificação e a colonização exercidas pelo sistema capitalista e que finalmente construa perspectivas de sujeito amazônico capaz de erguer-se sobre a emancipação?

Referências

BOCK, Ana Mercês Bahia. *Subjetividade: o sujeito e a dimensão subjetiva dos fatos*. In GONZALEZ REY, Fernando (org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thomsom, 2005.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Cultura Amazônica**. Kit do Projeto Tom da Amazônia, 2005. Disponível em: www.tomdaamazonia.org.br. Acessado em: 01.07.2013.

CAVALCANTE, Lucíola Inês Pessoa. WEIGEL, Valéria. A. C. **Educação na Amazônia: oportunidades e desafios**. Disponível em: [www.desenvolvimento.gov.br / arquivo / sti / publicações](http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/sti/publicacoes), 2007. Acesso em 15 de maio de 2011.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

EWALD, Ariane Patrícia. SOARES, Jorge Coelho. *Identidade e subjetividade numa era de incerteza*. In: **Estudos de Psicologia**, 12 (1), UFRJ, 2007. p. 23-30.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos e MIGUEZ, Samia Feitosa. *O ser da Amazônia: identidade e invisibilidade*. In **Ciencia e Cultura** [on line], vol. 61, n. 3, pp. 30-32, 2009.

GONZÁLEZ REY, Fernando (org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thomsom Learning, 2005.

LIMA, Deborah de Magalhães. *A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico*. In **Novos Cadernos NAEA**, vol. 2, nº 2, Belém – PA: NAEA/UFPA, 1999.

MAHEIRIE, Kátia. *Constituição do sujeito, subjetividade e identidade*. In: **Interações**. Vol. III. nº 13. Jan – jun, 2002.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

MAHEIRIE, Kátia. FRANÇA, Kelly Bedin. *Vygotsky e Sartre: aproximando concepções metodológicas na construção do saber psicológico*. **Psicologia & Sociedade**; 19 (1): 23-29; jan/abr. 2007.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. *Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade*. **Revista de Psicologia da UNESP**, 8(2). 2009.

MARTINEZ, Albertina. *A teoria da subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia*. In GONZÁLEZ REY, Fernando (org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thomsom Learning, 2005.

MEDEIROS, Maria das Graças Ferreira de. **Um estranho no espelho**: representações do caboclo amazônico. [Dissertação de Mestrado], Manaus-AM: UFAM, 2004.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Porto-Alegre: Sulina, 2003.

———. **O método 4: as idéias - habitat, vida, costumes, organização**. 4 ed. Porto-Alegre: Sulina, 2008.

MOURÃO, Arminda Rachel Botelho. **A fábrica como espaço educativo**. São Paulo: Scortecci, 2006.

PITANGA, Maria Eunice Sá. **As representações sociais da família construídas pelas meninas atendidas na Casa Mamãe Margarida na cidade de Manaus/Am**. Manaus: FAGED/UFAM, 2006. [Dissertação de Mestrado];

SANTOS, B. de S. **A Gramática do tempo: por uma nova cultura política**. 3 ed. São Paulo: Cortez. 2010.

SILVA, Orlando Sampaio. **Índios e caboclos: estudo da obra de Eduardo Galvão**. São Paulo: PUC, 1996. [Tese de Doutorado em Ciências Sociais].

SOUZA, Fabrício Filizola de; et al. *A compreensão fenomenológica da identidade do homem da amazônia e a crise como possibilidade de resgate do ethos amazônico* In **Anais Congresso de Pesquisa e Inovação da rede Norte e Nordeste de Educação Tecnológica**, Maceió-AL, 2010.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.